

**CORA, POETA SOCIAL: A VOZ DOS SILENCIADOS EM
POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS**

Jaqueline de Moura Souza

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

(info@jaquelinemoura.com)

Resumo

Este artigo objetiva refletir sobre a consciência social da poetisa Cora Coralina em sua obra inaugural *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, publicada em 1965, na qual versa sobre questões como desigualdade, injustiça social, violência e patriarcalismo. Desse modo, a escritora evidencia a condição dos menos privilegiados e, ao mesmo tempo, exalta o sertão goiano, em harmonia com a tendência regionalista da época. Com críticas sociopolíticas e valorização da terra, o poemário ilustra o caráter social e modernista da escrita coralina, revelando o compromisso da autora não apenas com a literatura, mas também com a população menos favorecida. Textos do sociólogo Antonio Candido (2006), do pesquisador Saturnino Pesquero Ramón (2006), do psiquiatra Carl Jung (1987) e outras fontes corroboram a exposição do tema.

Palavras-chave: Cora Coralina; Consciência Social; Literatura; Marginalizados.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

Jaqueline de Moura Souza

Graduada em Gestão de Recursos Humanos (UNESA). Bacharelada em Letras, Língua e Literatura Portuguesa (UNESA). Especialista em Linguagem e Comunicação em Língua Portuguesa (UNYLEYA). Mestranda em Língua, Literatura e Interculturalidade (UEG). Pesquisadora da Estética da Recepção literária de *Poemas dos Becos de Goiás* e *Estórias Mais*, de Cora Coralina. Experta em processos de escrita, editoração e publicação. Fundadora da Coffee Books Editorial, que atua na América Latina e Espanha. Sob orientação da profa. dra. Márcia Maria de Melo Araújo.



lattes.cnpq.br/5236583263315947



orcid.org/0009-0003-7137-1298

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

CORA, POETA SOCIAL: A VOZ DOS SILENCIADOS EM POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS

Jaqueline de Moura Souza

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

info@jaquelinemoura.com

INTRODUÇÃO

Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais foi o primeiro livro publicado de Cora Coralina. Na ocasião do lançamento, em 1965, a poetisa contava com 76 anos de idade. A primeira edição foi publicada pela editora José Olympio, sediada na cidade de São Paulo. Embora tenha começado a escrever em tenra idade, aos 14 anos (SEVERINO, 1981, p. 9), foi na velhice que Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas se viu reconhecida como autora goiana. O uso do pseudônimo Cora Coralina, de acordo com o jornal *Tribuna da Imprensa* (1985, p. 12), teria sido escolhido porque na cidade de Goiás, onde a escritora nascera e crescera, havia muitas meninas com o nome Ana em homenagem à padroeira do município, Nossa Senhora de Sant'Anna. Como não queria ser confundida, a poetisa teria buscado algo inédito e singular como sua personalidade: Cora Coralina.

Não há registros que indiquem que a autora tenha revelado a origem do cognome, deixando aberto um horizonte de possibilidades para seus admiradores. Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, em uma crônica publicada no *Jornal do Brasil* (1980, p. 07), na qual homenageava a escritora, arriscou-se a desvendar o mito: “Cora Coralina, tão gostoso pronunciar este nome, que começa aberto em rosa e depois desliza pelas entranhas do mar, surdinando música de sereias antigas e de dona Janaína moderna”. Ao que a poetisa teria respondido: “e quem foi que disse que Cora Coralina é marinho? Cora vem de coração. Coralina é de cor vermelha. Cora Coralina é um coração vermelho” (CORALINA, 2012, p. 9). A partir da declaração, Saturnino Pesquero Ramón, estudioso do universo coralino, propôs uma profunda e pertinente interpretação do pseudônimo, que estaria amalgamado à função social da escrita de Cora:

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

[...] o substantivo *cora* pode ser a derivação regressiva do verbo *corar* ou, popularmente, *quarar*, com seu significado de branquear roupas, expondo-as ao sol. Valendo-se de uma sinédoque, a substituição do agente (lavadeira) pelo trabalho (corar roupa), a poetisa auto-identifica-se, no papel humilde de lavadeira em sua função feminina e libertária. Libertária sim, pois, com a fantasia magnânima e com o êxtase da poesia, lava a sujeira, os monturos da vida, o pó da mesquinhez humana, para apresentar uma cidade luminosa, os becos rutilantes e as pessoas, amigas e irmãs. As lavadeiras, em sua grandeza, fazem o cotidiano mais limpo e perfumado. Cora, a lavadeira do Rio Vermelho, purga a mesmice do cotidiano, elevando todos a bons sonhos. (RAMÓN, 2006, p. 24, grifos do autor)

Segundo Ramón (2006), Cora Coralina significa “lavadeira do Rio Vermelho”. Para ele, a autora foi uma poetisa social que amplificou a voz dos excluídos. A fim de explorar essa perspectiva, iniciamos a primeira seção deste artigo abordando a relação arte-sociedade e a consciência social de Cora Coralina, discorrendo sobre o papel social dos poetas e apresentando a poetisa goiana como porta-voz dos sujeitos invisibilizados.

Na segunda seção, apontamos algumas características modernistas da poesia coralina, como o verso livre, as temáticas sociais e o regionalismo explícito na representação do sertão goiano. Também expusemos o feminismo incipiente contido em algumas poesias da obra analisada, bem como a preocupação da autora com os sujeitos marginalizados. À luz de ponderações de Saturnino Pesquero Ramón (2006) e de considerações de Carl Jung (1987), comentamos sobre o espírito revolucionário dos poetas e suas inquietações, refletindo a respeito das manifestações sociopolíticas plasmadas em suas poesias.

Por fim, na terceira parte, retomamos a dialética entre arte e sociedade, reconhecendo o poder de conscientização e de questionamento dos valores sociais plasmados no poemário. Enceramos apreciando as contribuições sociais da poesia de Cora Coralina e indagando sobre seu legado em nossos dias.

CONSCIÊNCIA SOCIAL E LITERATURA

A consciência social, um termo da Sociologia, refere-se à capacidade de grupos e indivíduos compreenderem e reconhecerem os desafios sociais em sua sociedade. Envolve uma compreensão profunda das dinâmicas sociais, promovendo ações éticas e responsáveis para trazer mudanças positivas. Essa consciência é essencial para a construção de sociedades justas, igualitárias e cooperativas, motivando a compreensão da vida política e a participação ativa na vida coletiva. Além disso, ela estimula a empatia, favorecendo a solidariedade e inspirando ações positivas para melhorar a vida. A consciência social também é crucial para o

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

desenvolvimento do pensamento crítico, capacitando as pessoas a questionar normas e valores sociais, buscando informações diversas e contribuindo para a resolução democrática de conflitos e problemáticas, como propõem Alvez e Melo (2016):

A consciência social é o resultado de sujeitos engajados, participativos em todas as questões da comunidade, sejam questões educacionais, políticas ou sociais. Participar de assuntos públicos, isto é, que dizem respeito a todos, é contribuir efetivamente para a construção de uma realidade melhor, é estar consciente e atento a todos os mecanismos de controle, as formas de poder e aos discursos ideológicos. (ALVEZ; MELO, 2016, p. 124)

Sob essa perspectiva, aludimos Antonio Candido (2006) que, em *Literatura e Sociedade* discorre acerca da interação entre arte e sociedade e sobre o processo coletivo de criação da literatura:

Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma “expressão”. A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma “comunicação”. (CANDIDO, 2006, p. 147, grifo do autor)

O autor reconhece que “arte e sociedade compõem um vasto sistema solidário de influências recíprocas” (CANDIDO, 2006, p. 34), mas cita um trecho de Sainte-Beuve, explicando que o poeta não é um simples reflexo do meio:

O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade. (RENÉ BADY, 1943, p. 31 *apud* CANDIDO, 2006, p. 34)

Nesse sentido, Candido escreve:

Terminando, desejo voltar à relação inextricável, do ponto de vista sociológico, entre a obra, o autor e o público, cuja posição respectiva foi apontada. Na medida em que a arte é — como foi apresentada aqui — um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. (2006, p. 47)

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

O autor também afirma que “[a] literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a” (CANDIDO, 2006, p. 84). Ele considera a recepção da obra no processo de criação artística, que seria resultado da tríade “autor, obra, público”. Ao ser tocado por um tema, o poeta se sentiria impelido a escrever sobre ele, dando forma à obra, que, por sua vez, recobriria vida e sentido ao ser lida e vivida pelos leitores.

Em *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, Cora Coralina apresenta-nos um eu lírico profundamente sensibilizado com a realidade dos grupos sociais marginalizados, um eu poético que experimenta as rejeições e humilhações sobre as quais escreve. O texto chama a atenção do leitor para realidades ignoradas e para pautas sociais importantes — como a invisibilidade da mulher. Entrevistas concedidas por Cora, à época do lançamento da obra, permitem perceber o processo de criação “autor, obra, público”, mencionado por Candido, e a vivificação do texto, ao mostrar jornalistas e leitores tocados pela narrativa poética da autora.

Em vez do amor romântico ou erótico, ou de tantos outros temas recorrentes entre os poetas, Cora preferiu falar de becos, monturos e pedras. Deu palco a mulheres lavadeiras, prostitutas e trabalhadoras em vez de poetizar sobre a espera (do amor) das donzelas. O livro é dividido em duas partes e, em ambas, é possível notar a percepção e a compreensão da autora acerca das questões sociais que permeavam sua realidade. Há um reconhecimento das desigualdades e das injustiças, considerando diversos fatores como classe, gênero, raça e idade. A leitura do poemário revela a apurada consciência social de Cora Coralina e seu desejo de promover, por meio de seus textos, a justiça e a igualdade; o desenvolvimento de sua sociedade. Sua disposição foi reconhecida por seus pares: “Assim é Cora Coralina: um ser geral, ‘coração imensurável’, oferecido a estes seres que são outros tantos motivos de sua poesia: o menor abandonado, o pequeno delinquente, o presidiário, a mulher da vida” (DRUMMOND, 1980, p. 7).

O PAPEL SOCIAL DOS POETAS

Ao longo da história, os poetas desempenharam um papel fundamental como porta-vozes de seus povos. Transcendendo as fronteiras da linguagem — com a habilidade única de capturar a essência de suas culturas — eles expressaram sentimentos, reflexões e experiências coletivas de maneira poética. O papel social dos poetas, como representantes da coletividade, foi e ainda é multifacetado, enraizado na conexão entre a arte e a sociedade.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

Pereira (2022) indica que “no século XIX os poetas eram chamados de ‘vates’ no sentido de que o poeta era uma espécie de ‘condutor do povo’, que conseguiria ‘predizer o futuro através de seus poemas’”. O autor cita Oliveira (2007) para agregar que o vate deveria “conviver no meio dos problemas sociais, estar empenhado nas disputas políticas, pessoais e públicas, individuais e coletivas, já que o papel do intelectual à época pressupunha o ativismo” (OLIVEIRA, 2007, p. 42 *apud* PEREIRA, 2022, p. 111). Ambos autores concordam que os textos literários dos vates deveriam representar a realidade com verossimilhança tal capaz de comover e convencer os leitores.

Por isso os textos de Castro Alves são tão ricos para as análises sobre representações: ele visava um público leitor, tinha o interesse de convencê-lo de uma realidade que ele tomava como correta a partir do seu olhar abolicionista – uma sociedade sem a escravidão – e assim representava em um processo de verossimilhança através do seu discurso literário os aspectos reais da sociedade que perscrutava, para combater as representações daqueles que estavam no poder, ou seja, os escravistas. (PEREIRA, 2022, p. 111)

Com efeito, Castro Alves parecia enxergar os poetas como indivíduos capazes de interpretar os acontecimentos e direcionar a sociedade por meio da poesia. Em *Navio Negreiro*, ele assume essa postura de guia tornando-se uma voz contra a escravidão e a injustiça. Ele personifica a ideia de vate, utilizando seus versos para denunciar a opressão vivida pelos negros escravizados, conclamando a liberdade e a justiça social.

Da mesma forma, Cora Coralina também transmutou em seus textos a complexidade da condição humana, dando voz a emoções e experiências, muitas vezes, sem lugar na prosa comum. Como o “poeta dos escravos”, a poetisa demonstrou atribuir aos poetas a capacidade e responsabilidade de inspirar e provocar mudanças sociais e políticas por meio da arte.

Ao se tornarem observadores sensíveis do mundo ao seu redor, os poetas transformam o ordinário em extraordinário, dando significado às nuances da vida cotidiana. Dessa forma, eles se tornam os arautos de uma narrativa coletiva, compartilhando a beleza, a dor, a alegria e as angústias que unem uma comunidade — como podemos perceber nos versos do poema “Menor Abandonado”:

De onde vens, criança?
Que mensagem trazes de futuro?
Por que tão cedo esse batismo impuro
que mudou teu nome?

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

Em que galpão, casebre, invasão, favela,
ficou esquecida tua mãe?...
E teu pai, em que selva escura
se perdeu, perdendo o caminho
do barraco humilde?...

Criança periférica rejeitada...
Teu mundo é um submundo.
Mão nenhuma te valeu na derrapada.

[...]

Quisera a tempo te alcançar,
mudar teu rumo.
De novo te vestir a veste branca
de um novo catecúmeno.
És tanto e tantos teus irmãos
na selva densa...

[...]

Acorda, Criança,
Hoje é o teu dia... Olha, vê como brilha lá longe,
na manchete vibrante dos jornais,
na consciência heroica dos juízes,
no cartaz luminoso da cidade,
o ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

(CORALINA, 2006, pp. 226-229)

O poema “Menor Abandonado” — cujo subtítulo é “Versos amargos para o Ano Internacional da Criança, 1979” — denuncia o abandono infantil e o penoso destino reservado às crianças em situação de vulnerabilidade social. Depois de uma sequência de versos dolorosos, ao final, a autora ironiza as publicidades que celebram o Ano Internacional da Criança, quando tantas sequer existem socialmente. A poesia revela o olhar atento de Cora para as problemáticas de seus dias confirmando o dito do poeta americano Ezra Pound, em 1934, que “os artistas são a antena da raça” (FOLHA, 2010).

Catalisadores de mudanças sociais, os poetas e suas palavras têm o poder de provocar mudanças, desafiar normas estabelecidas e despertar reflexões críticas sobre questões urgentes, como a dos menores abandonados, destacada por Cora. Ao abordarem temas sociais, políticos e culturais, os poetas atuam como agentes de conscientização, elevando a consciência coletiva para além das fronteiras geográficas e temporais. O humor, a acidez e a ironia, por vezes, ajudam a chamar a atenção do público, cativando a audiência.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

Os poetas também desempenham um papel crucial na preservação da identidade cultural. Ao imortalizarem tradições, mitos e histórias locais em versos, eles garantem que a riqueza da herança cultural seja transmitida às gerações futuras. Assim, agem como guardiões da memória, mantendo vivas as narrativas que definem a singularidade de um povo.

[...]
Planta de milho na lua nova.
Sistema velho colonial.
Planta de enxada.
– Seis grãos na cova,
quatro na regra, dois de quebra.
Terra arrastada com o pé, pisada, incalcada, mode os bichos.
Lanceado certo-cabo-da-enxada.
Vai, vem... sobe, desce...
Terra molhada, terra saroiá...
– Seis grãos na cova; quatro na regra, dois de quebra.
Sobe. Desce...
Camisa de riscado, calça de mescla.
Vai, vem...
golpeando a terra, o plantador.
Na sombra da moita,
na volta do toco – o ancorote d’água.

(CORALINA, 2006, p. 160)

O fragmento do poema relata um modelo de semeadura: “[s]istema velho colonial. Planta de enxada. – Seis grãos na cova; quatro na regra, dois de quebra”. O trecho também permite inferir que o sistema de plantio é exaustivo e desumano: “Terra arrastada com o pé, pisada, incalcada, mode os bichos”. O trabalho repetitivo (e provavelmente eterno destino) do plantador pode ser entendido pela repetição do período: “Seis grãos na cova; quatro na regra, dois de quebra. Sobe. Desce... Camisa de riscado, calça de mescla. Vai, vem...”. As duas últimas linhas do texto provocam reflexões sobre a precariedade das condições de trabalho do plantador: “[na] sombra da moita, na volta do toco – o ancorote d’água”. O “ancorote”, antigamente utilizado para armazenamento de aguardente, pode ser entendido como “um vasilhame com cachaça”, provavelmente única fonte de energia do trabalhador, que não tem comida.

Podemos dizer que o papel social dos poetas ultrapassa as barreiras do tempo, estendendo-se para além de suas décadas de vida, pois suas palavras resistem à passagem do tempo, continuando a ecoar através das eras e inspirando novas gerações de leitores. Nesse sentido, os poetas se tornam cronistas de uma época, registrando as nuances e as mudanças sociais que moldam a trajetória de uma sociedade. Como porta-vozes da humanidade, o papel

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

dos poetas transcende a mera composição poética. Eles atuam como mediadores entre a expressão artística e a identidade coletiva, articulando as emoções e as experiências de seu povo de maneira única. Como detentores de uma linguagem que vai além das palavras, são narradores essenciais da história e da alma de suas comunidades, oferecendo uma representação profunda do espírito humano.

PORTA-VOZ DOS SUJEITOS INVISIBILIZADOS

Cora Coralina foi uma observadora atenta das desigualdades e injustiças presentes na sociedade em que viveu, dedicando parte significativa de sua poesia para ressoar a voz dos sujeitos esquecidos e marginalizados. Em seus versos, ela aborda temas como a desigualdade social, o abuso de poder, a pobreza e as dificuldades enfrentadas pelas classes menos favorecidas. Poemas como “Oração do Pequeno Delinquente”, “Oração do Presidiário”, “Menor abandonado”, “A lavadeira”, “A Enxada” e “Mulher da Vida” são alguns exemplos de sua solidariedade e compromisso para com os menos privilegiados.

Enquanto houver no meu País
uma criança sem escola
haverá sempre um adulto se evadindo
de um Mobral. Aumenta o número
de adultos analfabetos na razão
direta da criança sem escola,
aumenta a criminalidade jovem
na razão direta do Menor Abandonado,
infrator, corrompido, delinquente
a caminho da criminalidade do adulto
pela falta de escolas profissionais,
escolas de salvação social
(CORALINA, 2006, p. 233).

No trecho de “Oração do Pequeno Delinquente”, uma vez mais, o eu poético chama atenção para a questão dos menores abandonados que, sem escola e intervenção social, são expostos à criminalidade e têm seus futuros condenados. No poema, a escola profissionalizante é posta como ferramenta essencial para a salvação da sociedade marginalizada.

Em *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, Cora revela uma consciência social aguçada ao destacar condições de vida difíceis e até desumanas. Sua abordagem não é apenas descritiva, mas também carregada de empatia, evidenciando um profundo apreço pela dignidade e resiliência das pessoas excluídas. Os versos de “A lavadeira”, por exemplo, são um convite para se enxergar uma trabalhadora invisível:

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

Essa Mulher...
Tosca. Sentada. Alheada...
Braços cansados
descansando nos joelhos...
olhar parado, vago,
perdida no seu mundo
de trouxas e espuma de sabão
– é a lavadeira.
Mãos rudes, deformadas.
Roupa molhada.
Dedos curtos.
Unhas enrugadas.
Córneas.
Unheiros doloridos
passaram, marcaram.

(CORALINA, 2006, p. 205)

Ao ecoar a voz dos oprimidos, Cora Coralina busca não apenas registrar suas histórias, mas também promover uma reflexão crítica sobre a sociedade que perpetua injustiças. Ela utiliza a poesia como instrumento de conscientização, convocando seus leitores a se solidarizarem com as lutas dos menos favorecidos, enxergando suas existências. No poema, a lavadeira existe, seu corpo se cansa e se deforma com o tempo. Seus dedos se inflamam e ela sente dor. O eu lírico do poema permite e dá subsídios para que a lavadeira e o cheiro de sabão passem a existir na mente do leitor.

O GÊNERO FEMININO

Em diversos poemas, Cora incorpora a questão do gênero em sua poesia, destacando as experiências das mulheres e questionando as normas e expectativas impostas a elas. Na obra analisada, a autora reflete uma consciência feminista incipiente, que se manifesta na defesa da igualdade e no questionamento da estrutura patriarcal.

Sinhazinha de catorze anos – fermosura.
Prendada. Faceira.
Muito certa na Doutrina.
Entendida do governo de uma casa
e analfabeta.
Diziam os antigos educadores:
“– Mulher saber ler e escrever não é virtude”.

(CORALINA, 2006, p. 52)

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

Na metade do poema narrativo supracitado, “Estória do Aparelho Azul-Pombinho”, encontramos a delação da sina das meninas: cuidar da beleza, aprender a Doutrina, cuidar da casa e da família e jamais aprender a ler — para não saber o que é ser um sujeito de Direitos e questionar a realidade.

No poema “As Tranças da Maria”, a crítica e a ironia ao machismo se dão logo no início, pelo antagonismo do título com a primeira linha do poema: “O caso do Izé da Badia...”. O título cria no leitor a expectativa de ler algo sobre uma tal Maria, mas o texto parece dar mais protagonismo a Izé da Badia.

O caso do Izé da Badia...
Era do que a gente falava.
Era só o que se ouvia.
O Izé ficou leso, atoadado pelos campos...
Perdeu sua fé de vaqueiro
consagrado nas vaquejadas.
Não mais seu canto violeiro, seu chamado boiadeiro.
O aboio do seu berrante
que a gente ouvindo distante dava a pinta do ponteiro:
Lá evai o Izé da Badia,
o rei dos vaqueiros.
Chamava, o boi escutava.
Falava, o zaino entendia.
Cantava, as moças sorriam.
E agora... Tanta moça pelo mundo e ele à procura de Maria.

(CORALINA, 2006, p. 179)

Izé é apresentado ao leitor como o herói do sertão, vaqueiro cobiçado das donzelas, que sofre pelo desaparecimento de sua prometida Maria. Esta, por sua vez, tem sua descrição restrita ao aspecto físico, como mercancia a ser consumida:

Os sedenhos da Maria...
Seus cabelos ondulados.
Manto solto se penteava.
Nua, encobria as formas.
Basta cabeleira negra
dos joelhos vinham abaixo.
Dos tornozelos passavam.
Duas tranças bem trançadas
– rédea dos corações.
Izé da Badia, moço, vaqueiro de fama amarrado para sempre
no sedenho da Maria.

(CORALINA, 2006, p. 181)

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

No poema narrativo, a índole de Maria é questionada pelas comadres, que cogitam a possibilidade de a moça ter fugido na garupa de um vaqueiro. Izé também vira galhofa dos companheiros. O desfecho da história é dramático: tempos após o sumiço, Maria é encontrada nas entranhas de uma besta-fera, as tranças ainda por serem digeridas.

E o que foi feito das tranças?
Deram ao Izé da Badia.
E o que fez delas o Izé?
Mandou trançar duas rédeas bem traçadas para seu cavalo libuno, crinado,
espadas romanas cruzadas, cabo negro, cavalo de vaquejadas.
Duas tranças primazia. Macias de luva-mão,
presas às cambas de seu freio niquelado,
em prata fina banhado. E o Izé tinha nas mãos,
todos os dias, o sedenho da sua noiva Maria.

(CORALINA, 2006, p. 190)

O epílogo do poema resgata a ironia do início: mesmo morta, Maria termina nas mãos do prometido, sob seu domínio — já que seus cabelos passam a compor as rédeas do cavalo de Izé.

Sobre o feminismo praticado por Cora, Saturnino Pesquero Ramón escreve:

O feminismo coralino não é panfletário, “subversivo”. É, sobretudo, de reconhecimento do feminismo, socialmente esquecido, propositadamente silenciado e discriminado, e, por isso mesmo, subvalorizado, secularmente institucionalizado como inferior ao masculino. (RAMÓN, 2006, pp. 112-113)

A análise do pesquisador é sucinta e assertiva, haja vista que não constam registros de que a poetisa tenha suscitado marchas feministas com potencial de perturbar ou alterar a ordem patriarcal estabelecida; nem que tenha contrariado as conservadoras ideias e opiniões da maioria por meio de alvoroços. Em seus poemas, Cora dá visibilidade às mulheres, abordando as experiências femininas do cotidiano, revelando a opressão e as injustiças do sistema patriarcal da época, que acometia mulheres de todas as classes sociais.

UMA POETA SOCIAL MODERNISTA

Embora tenha surgido num contexto pós-moderno e nunca tenha declarado ser adepta de alguma escola literária, é possível observar traços modernistas nos textos de Cora Coralina. Frequentemente, estudiosos associaram e ainda associam seus textos ao movimento e também ao regionalismo.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

[...] é surpreendente como Cora, na paradoxal condição de “intelectual-doceira”, realizou com fidelidade ideais do modernismo, como a identidade nacional, a causa feminina e uma literatura voltada para a promoção do povo, por meio da assimilação e valorização da cultura popular. Ainda jovem, por volta dos trinta anos de idade, mostrava-se bem sintonizada com as inquietações modernistas, conforme atestam as cartas que lhe dirigiu Monteiro Lobato, em 1921 e 1922. (RAMÓN, 2006, p. 249)

A ruptura com tradições e padrões sociais é uma das características modernistas da poesia coralina. Inegavelmente, em *Poemas dos Becos de Goiás* e *Estórias Mais*, a autora rompe com convenções e formas literárias tradicionais — desafiando a estética e a linguagem corrente — ao utilizar uma linguagem simples, autêntica e acessível; explorando temas do cotidiano e valorizando o ser humano.

O verso livre é outra marca do estilo modernista na poesia coralina. A ausência de métricas e formas fixas é notória em cada página de sua obra inaugural. A autora escreve livremente sobre o que vê e sobre o que sente, revelando outra marca do modernismo: a expressão de seus pensamentos e de suas experiências individuais de maneira direta e íntima. Seu engajamento social e político também reforçam a proximidade com a tendência artístico-cultural do século XX. Em 1947, Manuel Bandeira denunciou a miséria do país em que vivia em poemas como “O Bicho”; posteriormente, Cora Coralina denunciou as mazelas do Goiás de seus dias.

Assim como a crítica sociopolítica, o regionalismo — outra característica do modernismo — foi uma temática recorrente na obra poética de Cora Coralina. Ao poetizar a terra, o milho, o sertão e o sertanejo, Cora valorizou a cultura regional e, conseqüentemente, a nacional, distanciando-se dos padrões europeus, sobre o que Ramón (2006) escreveu:

O significado brasileiro, latino americanista e cosmopolita de “A oração do milho” e “Poema do milho” foi assinalado, como já foi dito, por Oswaldino Marques. Todavia, merece registro o significado, também ameríndio, das duas metáforas do milho — “lança terminada em fogo” e “lança de púrpura” — que Pablo Neruda emprega, respectivamente, em seus dois poemas “Vegetações” e “Amor América (1400)” para simbolizar, tanto o formato do continente americano, quanto a heróica luta de todos os seus povos, pela sobrevivência e independência, materiais e individuais. (2006, p. 249)

O pesquisador continua e iguala a poesia de Cora Coralina às da uruguaia Juana de Ibarbourou e do chileno Pablo Neruda:

[...] O caráter ético, vivificador e renovador, pátrio e cosmopolita, da poesia de Cora Coralina é a dimensão em que ela se irmana com Juana de Ibarbourou e Pablo Neruda. É certo que a semente da mensagem desses três poetas encontra a terra fecunda do espírito dos povos irmãos de toda a América. (RAMÓN, 2006, p. 254)

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

Em comum, essas três vozes da poesia latino-americana celebram a vida em suas dimensões mais simples e profundas, abraçando a natureza e a dignidade humana. Com simpatia e solidariedade, Cora Coralina, Juana de Ibarbourou e Pablo Neruda abordam temas universais como o amor, o tempo, o corpo, e a condição humana, trazendo suas particularidades culturais e pessoais para seus poemas. Ao comparar a poesia coralina à dos dois poetas contemporâneos sul-americanos, Saturnino Pesquero Ramón demonstra a relevância da autora goiana para o Brasil.

Nas últimas páginas do estudo sobre a vida e obra de Cora Coralina, para falar “[s]obre o significado social-ético, de dimensões cósmicas, que a poesia possui para despertar e fortalecer a co-genialidade ou *genius* dos povos, em cada momento de seu desenvolvimento espiritual histórico” (RAMÓN, 2006, p. 254, grifo do autor), o pesquisador traz oportunas considerações de Carl Jung, expostas no ensaio “O espírito na arte e na ciência”:

Este é o segredo da ação da arte. O processo criativo consiste (até onde nos é dado segui-lo) numa ativação inconsciente do arquétipo e numa elaboração e formalização na obra acabada. De certo modo a formação da imagem primordial é uma transcrição para a linguagem do presente pelo artista, dando novamente a cada um a possibilidade de encontrar o acesso às fontes mais profundas da vida que, de outro modo, lhe seria negado. É aí que está o significado social da obra de arte: ela trabalha continuamente na educação do espírito da época, pois traz à tona aquelas formas das quais a época mais necessita. Partindo da insatisfação do presente, a ânsia do artista recua até encontrar no inconsciente aquela imagem primordial adequada para compensar de modo mais efetivo a carência e unilateralidade do espírito da época. Essa ânsia se apossa daquela imagem e, enquanto a extrai da camada mais profunda do inconsciente, fazendo com que se aproxime do consciente, ela modifica sua forma até que esta possa ser compreendida por seus contemporâneos. (JUNG, 1987, pp. 70-71 *apud* RAMÓN, 2006, p. 255)

A sensível abordagem de Carl Jung clarifica a gênese da poesia e das críticas sociopolíticas de artistas como Cora Coralina. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* é um tributo à gente mais simples do interior de Goiás e também um clamor por justiça, por dignidade e inclusão das pessoas oprimidas.

Sobre o viés regionalista da poetisa, um comentário de Drummond confirma a cercania da autora com o estilo:

Voltando-se para o cenário goiano, tem poemas sobre a enxada, o pouso de boiadas, o trem de gado, os becos e sobrados, o prato azul-pombinho, último restante de majestoso aparelho de 92 peças, orgulho extinto da família. Este prato faz jus a referência especial, tamanha a sua ligação com usos brasileiros tradicionais, como o rito da devolução; “Às vezes, ia de empréstimo / à casa da

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

boa Tia Norita / E era certo no centro da mesa de aniversário, com sua montanha de empadas bem tostadas. / No dia seguinte, voltava, / conduzido por um portador / que era sempre o Abdenago, preto de valor, / de alta e mútua confiança. / Voltava com muito-obrigados / e, melhor, cheinho de doces e salgados. / Tornava a relíquia para o relicário". (1980, p. 7)

Como nasceu e cresceu na cidade de Goiás, em meio ao cenário rural e interiorano, sua proximidade com a terra, com a natureza e com as tradições locais influenciou profundamente sua poesia. Cora celebrava a terra como uma entidade viva, repleta de significados e histórias. Em seus poemas, ela frequentemente retrata a terra como um elemento vital que sustenta não apenas as plantações e os ciclos agrícolas, mas também a identidade cultural e a memória do povo goiano. Ela personifica a terra, atribuindo-lhe características humanas e reconhecendo-a como uma testemunha silenciosa das transformações ao longo do tempo, como podemos perceber no fragmento do poema "O Cântico da Terra":

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da cobertura de teu lar.
A mina constante de teu poço.
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranquila ao teu esforço.
Sou a razão de tua vida.
De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz
(CORALINA, 2006, p. 210).

Cora Coralina expressa um profundo respeito pela terra e suas riquezas naturais. Seus poemas enaltecem a simplicidade da vida rural, destacando a beleza de detalhes cotidianos, como o ato de semear, a colheita e a relação do homem com a natureza. A poetisa via na terra não apenas um meio de subsistência, mas um símbolo de fertilidade, de resistência e continuidade.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

Os trabalhadores da terra também são parte significativa da poesia e de Cora Coralina, que demonstra genuíno apreço pelos pequenos agricultores e lavradores, reconhecendo o papel crucial que desempenham para a sustentabilidade e riqueza da sociedade.

A autora reconhece os trabalhadores rurais, percebendo sua rudeza, suas aspirações inalcançadas, suas apreensões e seus desenganos. Ela relata ter plantado e colhido pelas mãos calosas desses trabalhadores, que são mal remunerados. Há uma consciência da luta enfrentada no campo, tanto em relação à imprevisibilidade do clima, quanto em relação às colheitas, tão carentes de recursos. (VIEIRA; TAVARES, 2024, p. 236)

Cora valoriza a simplicidade da vida rural e encontra beleza nos gestos cotidianos dos pequenos agricultores, como o ato de semear, de colher e de cultivar a terra, atividades que a autora julga nobres e essenciais. Ela humaniza esses trabalhadores, destacando suas histórias individuais e coletivas, e defende a preservação das tradições e saberes transmitidos de geração em geração. O porquê dessa identificação pode ser facilmente compreendido por meio do fragmento a seguir:

Com a idade de 12 anos, minha mãe, premiada por dificuldades financeiras, passou para a fazenda do meu avô, no sentido de alugar umas casas que tinha em Goiás e pagar algumas dívidas contraídas. E na fazenda do meu avô — já no tempo dele velho e decadente com a fazenda também em decadência — naquele período de formação intelectual, me achei como que perdida ali e me identifiquei com a terra e com o meio. Depois, quando voltei — vivi em São Paulo 45 anos — tive sítio, na beira de uma estrada boiadeira. [...] Com isto minha identificação se tornou mais íntima com a terra. Fui lavourista, só não peguei na enxada, mas tudo o que uma dona de sítio podia fazer eu fazia. E aí, aprendi muito com os trabalhadores. (SEVERINO, 1981, p. 9)

A relação de Cora Coralina com a terra está intrinsecamente ligada à sua identidade goiana e história de vida. Ela valoriza as tradições locais, os costumes e as histórias transmitidas de geração em geração. Em muitos de seus versos, ela tece uma teia de memórias que se entrelaçam com a própria terra, resgatando narrativas esquecidas, homenageando a cultura do interior. Contudo, não o faz de forma idealizada, pois também denuncia a miséria e a exploração dos trabalhadores rurais, como no poema “A Enxada”, paráfrase do conto de mesmo nome escrito pelo também goiano Bernardo Élis:

– Minha gente do porco, me prouve uma enxada.
Caco que seja me serve.
– Tem não.
– Aquela acolá,
pinchada, m’impresta.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

– Essa não, é do minino brincá.
 – Bão dia, patrão.
 Vim buscá sua semente, plantá.
 – Leva, preguiçoso, ladrão.
 – Preguiçoso, ladrão, num sou não.
 Vou plantá seus arrôis.
 Inté amenhã tá tudo plantado.
 No rancho não tem decumê.

Somente guarapa fria de rapadura.
 O bobo regogou,
 rugido de fome.
 Barriga vazia.

[...]

E baixou, bicho no chão e furou
 e plantou,
 agachado, arrastando.
 Toco de pau. Toco de braço.
 Coragem de pobre, seu medo de pobre furando,
 plantando
 arrôis do patrão.
 Prazo vencido.
 Pua de pau furava.
 Toco de dedo sangrava, plantava.
 O dia ia alto,
 alto ia o sol,
 tinha de quente.
 Passarinho cantava.
 Deus do céu espiava.
 Tudo, quasinho acabado.
 Roça furada,
 plantada.
 Um toco de pau,
 um toco de braço, cinco puas de dedos, feridos na carne.

(CORALINA, 2006, pp. 213-215)

No poema, a personagem Piano é um trabalhador que precisa de uma enxada para plantar o arroz do dono de uma propriedade rural. Piano passa por grandes dificuldades e oferece sua mão de obra em troca de comida para a subsistência. Como ninguém ao seu redor é capaz de reconhecer sua necessidade e emprestar o instrumento de trabalho, Piano improvisa e planta com um toco de pau, que, ao final, serve de metáfora para seus dedos mutilados, dada a condição imprópria de trabalho. Em “A Enxada”, a situação de Piano é narrada com dureza e desumanidade autêntica.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, Cora Coralina não se esquivou de chocar os leitores com narrativas poéticas dramáticas e dolorosas, capazes de despertar a compaixão das pessoas. No processo coletivo de criação da poesia, Cora transmutou a realidade de seus dias numa obra que emociona e inspira.

Ao escrever sobre suas raízes e se posicionar como porta-voz dos sujeitos marginalizados, Cora emergiu como uma voz autêntica da poesia goiana e brasileira. Em sua primeira publicação, ela demonstrou ter uma consciência social que desafiou injustiças e deu destaque aos negligenciados. Cora chamou a atenção para a paisagem do sertão goiano, reforçando a escrita regionalista da época; celebrou a terra e seus frutos, mas também revelou a sequidão da vida do povo goiano oprimido.

As mulheres tiveram destaque no texto coralino como forma de protesto e questionamento do patriarcalismo. Cora explorou a identidade feminina de diversas perspectivas: poetizou sobre mulheres idosas, moças e meninas; sobre cozinheiras, lavadeiras, putas e parideiras. Em sua poética feminina, Cora Coralina ofereceu respeito e acolhimento a mulheres de todas as idades, credos e classes. Em sua expressão artística, apresentou-se como defensora da justiça social, deixando um legado de sororidade, fraternidade e igualdade.

Empatia e sabedoria são duas virtudes que permeiam as páginas de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, cujos versos comovem e reverberam na consciência dos leitores mais altruístas. Por meio da simplicidade das palavras e da força da poesia narrativa, Cora conscientiza sobre os desafios enfrentados pelos menos favorecidos e nos sensibiliza para refletir sobre o que podemos fazer a respeito, como indivíduos e coletivo. Para nós, um dos maiores legados da leitura do poemário foi a indagação: quem seriam os sujeitos invisibilizados de nossos dias? Se estivesse aqui, sobre o que poetizaria Cora Coralina? Ao ponderar sobre possíveis respostas, vislumbramos o poder da poesia e, principalmente, a “vida” e “humanidade” contidas na herança poética de Cora Coralina — que merece ser lida.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

REFERÊNCIAS

ALVES, Marcos Alexandre; MELO, Paloma Lencina. Consciência social, comunidade ética e crítica da alienação em Habermas. **Aufklärung Revista de Filosofia**, João Pessoa, v. 3, n. 2, pp. 113-126, outubro de 2016.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 23ª edição. São Paulo: Global, 2006.

DRUMMOND, Carlos. **Cora Coralina, de Goiás**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1980, n. 00262(1), 27 de dezembro de 1980. Caderno B, p. 7.

PESQUERO RAMÓN, Saturnino. **Cora Coralina: o mito de Aninha**. 2ª edição. Goiânia: Editora UFG, 2006.

PEREIRA, Alan Ricardo Schimidt. “A canção do africano”: um olhar conceitual a partir de representações e estereótipos em Castro Alves. **Revista História em Curso**, Belo Horizonte, p. 111, junho de 2022.

POETA por acaso, doceira por convicção. **Tribuna da Imprensa**, 1985. Disponível em: memoria.bn.br/DocReader/154083_04/44157. Acesso em: 18 de fevereiro de 2024.

SEVERINO, Francisco. **Cora Coralina, aos 92 anos: Eu sou a própria terra**. Correio Brasiliense, Brasília, ano 1981, n. 06879, p. 9, 20 de dezembro de 1981.

VIEIRA, Vinicius; TAVARES, Giovana. Memória e identidade em simbiose: uma análise da relação entre Cora Coralina e a natureza. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 19, n. 2, pp. 231-247, 2024.

Recebido em: 14/06/2024

Aceito em: 03/08/2024

Publicado em: 08/03/2025

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

**CORA, SOCIAL POET: THE VOICE OF THE SILENCED IN
*POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS***

Jaqueline de Moura Souza

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

info@jaquelinemoura.com

ABSTRACT

This article aims to reflect on the social consciousness of the poet Cora Coralina in her debut work *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, published in 1965, which addresses issues such as inequality, social injustice, violence, and patriarchy. In this way, the writer highlights the condition of the less privileged while simultaneously celebrating the Goiás hinterland, in harmony with the regionalist trend of the time. With sociopolitical critiques and an appreciation for the land, the collection illustrates the social and modernist character of Coralina's writing, revealing the author's commitment not only to literature but also to the less fortunate population. Texts by sociologist Antonio Candido (2006), researcher Saturnino Pesquero Ramón (2006), psychiatrist Carl Jung (1987), and other sources support the exposition of the theme.

Keywords: Cora Coralina; Social Consciousness; Literature; Marginalized.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------

**CORA, POETA SOCIAL: LA VOZ DE LOS SILENCIADOS EN
POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS**

Jaqueline de Moura Souza

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

info@jaquelinemoura.com

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la conciencia social de la poetisa Cora Coralina en su obra inaugural *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, publicada en 1965, en la que aborda temas como la desigualdad, la injusticia social, la violencia y el patriarcado. De esta manera, la escritora evidencia la condición de los menos privilegiados y, al mismo tiempo, exalta el paisaje del interior de Goiás, en armonía con la tendencia regionalista de la época. Con críticas sociopolíticas y una valoración de la tierra, el poemario ilustra el carácter social y modernista de la escritura coralina, revelando el compromiso de la autora no solo con la literatura, sino también con la población menos favorecida. Textos del sociólogo Antonio Candido (2006), del investigador Saturnino Pesquero Ramón (2006), del psiquiatra Carl Jung (1987) y otras fuentes corroboran la exposición del tema.

Palabras-clave: Cora Coralina; Conciencia Social; Literatura; Marginados.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-22
----------------------------	-------------	-------	------	------